REVISTA DO MUSEU PAULISTA

NOVA SÉRIE
VOLUME XXIII

SÃO PAULO
1976

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ARQUEO-ETNO-HISTÓRIA NO BRASIL

Nobue Myazaki (*)

(*) Historiador do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

SUMMARY

This work presents the ethnico-historical researches made in our country.

Reading some published articles we can for instance, find Protazio Frikel's work about the Kaxuyana Indians using as source of information the "tribe memory", mythology, historical references as well some recent data. Through this material, the author draws the group probable migration line, concluding that one of them would have its origens in the complex Andine Culture and the other would come from the Low Amazon.

We have Beltrão and Laraia's work that associates Archaeology and Ethnology in the research made in archaeological sites located at Governador island and Guaratiba.

They have collected the following material: simple and painted ceramics, fire place, lithic material and evidences of European culture.

There is another work from Marcos Albuquerque. It was the result of a campaign realized in "Sítio da Trindade", 6 Kms away from Recife, in the State of Pernambuco.

Through historical information the author has located a fortress, surrounded by a ditch. He was found some archaeological remains such utilitarian ceramics, chinaware, metal objects as cannon balls, projectiles from muskets, nails, copper fragments and so on.

The author has considered the different phases corresponding to the construction of the fortress and they reflected a modification in the technique of the ceramics manufacture.

Lately we have Annette Laming-Emperaire's work as a result of a campaign peformed among the Xetá Indians in the Serra dos Dourados, in the State of Paraná. The author has observed and described the technique employed in the manufacture of the

tembetá, a labial ornament that perpetuates as it is proved in the frequent findings of the same in archaeological sites.

After this study in loco, she has realized an analysis of the collected ethnical materials, including some pictures and films and arrived to the conclusion that the period in which this mentioned group has come in contact with the civilization was its reches phase when they still preserved their traditional techniques.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

ARQUEO-ETNO-HISTÓRIA NO BRASIL

Nobue Myazaki

São escassas as referências sobre a Etno-História Brasileira, não só trabalhos conjugados de Arqueologia e Etnologia em pesquisas de campo, como também o aproveitamento de material documentado e de coleções de museus.

Entre as publicações conhecidas em nosso país, poderemos citar algumas que tentam dar uma seqüência e demonstrar o relacionamento dessas disciplinas no estudo de uma área cultural.

Revendo os trabalhos até agora realizados em ordem cronológica, o enfoque e a técnica de pesquisa empregada pelo estudiosos se limita principalmente à área de sua especialidade.

Assim, temos, por exemplo, o trabalho de Protásio Frikel, conhecedor profundo da área Amazônica, sobre os Kaxuyana: neste extenso e minucioso trabalho, o próprio autor no seu prólogo faz uma chamada a si mesmo a respeito da técnica e validez do método utilizado, na tentativa de encaminhar o trabalho dentro de um estudo etno-histórico.

O autor obteve o material empregando a técnica de informação coletada, através da "memória etnográfica" e da análise da mitologia, sendo que estas informações correspondem a um período de dois séculos; baseou-se em referências dos cronistas dos séculos XVII e XVIII, em concordâncias históricas e em informações recentes de pessoas que mantiveram contato com os mesmos no espaço de 25 anos.

Analisando este material, o autor conseguiu traçar as linhas migratórias desse grupo, concluindo que uma das áreas originárias teria sido a região do complexo cultural andino, sendo outra parte do mesmo proveniente do baixo Amazonas.

Afirma, ainda, que na tradição dos Kaxuyana é citada a ocorrência do vulcanismo e outros fenômenos naturais a oeste ou

noroeste da sua atual aldeia, que corresponde à região andina, considerada como a terra de seus ancestrais.

Outro elemento comparativo corresponderia ao conhecimento da técnica dos metais, desconhecido, entretanto, na região amazônica. Quanto ao mito, cita a luta entre Purá e Marmaru-imó e faz menção do "yaró" (espécie de espada de metal).

Durante escavações no vale do Virú, no Peru, foi encontrado o túmulo de um personagem segurando com as mãos um bastão, possivelmente cerimonial, sobre um pedestal em forma de cobra. Comparando estes elementos culturais, haveria a possibilidade de existir uma correspondência do "yaró" com a espada de metal e da cobra com Marmaru-imó, a "Cobra Grande".

Este bastão da cultura Chavin, fase Mochica, foi datado entre 400-600 D.C., aproximadamente, sendo considerado como um objeto cerimonial.

Por outro lado, os pajés Kaxuyana utilizavam um bastão durante as reuniões xamanísticas e sua escultura da extremidade superior varia, representando com freqüência a cabeça de um urubu-rei bicéfalo, outras a cabeça da "Cobra Grande" ou uma cabeça estilizada com quatro olhos; no mesmo túmulo Mochica foi encontrado um bastão com uma escultura de coruja.

Estas seriam as hipóteses levantadas pelo autor, considerando a existência de uma possível migração do complexo cultural andino, provocando a miscigenação dos grupos e dos elementos culturais.

Uma outra comparação corresponderia ao grupo imigrado do Trombetas, os Arikyana, para os quais alega um movimento migratório procedente de um lugar de "cidades muito antigas": a constatação da presença de "ídolos" de esteatita, cuja finalidade ainda é discutida, mostra no seu estilo afinidades com a área circun-caribe.

Após esta tentativa de correlacionar as informações dos índios Kaxuyana com as áreas andinas e circun-caribe, encerra o autor da seguinte forma:

> "Não se pode, portanto, falar em fatos comprovados, mas, quando muito, numa hipótese à base de uma tradição tribal, em parte apoiada por achados arqueoló-

gicos ou por anotações dos cronistas, quando a proto-história tribal entra na fase da história."

A seguir, citaremos o trabalho de Beltrão e Laraia, que empregaram uma técnica de pesquisa associando a Arqueologia e a Etnologia em inúmeros sítios arqueológicos localizados na Ilha do Governador, Manguinhos e Guaratiba, no Estado do Rio de Janeiro. Os autores utilizaram como marco indicatório as citações deixadas pelos cronistas do século XVI, segundo os quais a região citada teria sido ocupada pelos extintos Tupinambá.

Através dos mapas seiscentistas da Ilha do Governador, os autores procuraram localizar os sítios arqueológicos estudados. Dos sete sítios pesquisados, fazem uma ligeira indicação do material coletado, correspondente à cerâmica pintada do tipo Tupi, cerâmica lisa, fossas culinárias, fogueiras, material em quartzo lascado, material polido, enterramentos vários e material europeu; os aldeamentos próximos a fontes de água (riacho ou rio) e a abundância de conchas (gênero Anomalocardia, Ostrea e representantes da família Mytilidae), estavam concentrados em aldeias litorâneas.

A localização do material na estratigrafia, segundo os autores, era variável; apesar de não haver nenhuma datação neste trabalho, uma determinação espacial do material alienígena está associada com o indígena e são citadas evidências de estacas que descrevem as formas dos sítios, podendo ser circulares ou retangulares.

Outra área descrita neste trabalho corresponde à Planície de Guaratiba, onde, dos trinta sítios conhecidos, cinco foram estudados. São caracterizados pela presença de conchas em grande quantidade, com acampamentos próximos a rios, localizados em pequenas elevações arenosas (50 cm de altitude), sendo que o nível arqueológico não ultrapassa 50 cm de profundidade. O material obtido nestas escavações consistiu de cerâmica, pedra polida e lascada, vértebras trabalhadas, fogueiras, estacas, conchas trabalhadas, ossos e grande quantidade de restos de mamíferos, aves e répteis. Foram constatados três sepultamentos, sendo que dois deles eram de adultos do sexo masculino e um duplo de mulher e criança.

Através da pesquisa arqueológica conseguiram caracterizar uma área de ocupação humana com a determinação dos acam-

pamentos provisórios e aldeamentos. Visualizaram o habitat e descreveram os testemunhos arqueológicos e históricos coletados.

A segunda parte deste trabalho consiste na participação da Etnologia. Laraia analisa as evidências arqueológicas, comparando-as com as suas experiências de campo com os Tupi contemporâneos, caracterizando um período cultural de contacto europeu e lançando hipóteses que visam uma perspectiva futura de pesquisa interdisciplinar.

Através da interpretação histórica e etnológica do material coletado, os aldeamentos da Tropa do Reforço e do Instituto de Pesquisa, são anteriores ao período histórico e correspondem aos únicos sítios onde não foi encontrado material alienígena. No de Pixunas, localizado próximo ao oceano, a forma retangular da aldeia é uma cópia do estilo das fortificações e há grande incidência de material manufaturado europeu.

Através dos vestígios das estruturas das aldeias, constatadas as suas dimensões, os autores concluíram que as de Guaratiba eram permanentes, enquanto que as da Ilha do Governador corresponderiam a aldeamentos de ocupação sazonal durante o período da coleta de moluscos.

Os aldeamentos estão localizados relativamente próximos uns dos outros, supondo-se que toda a aldeia, ou parte dela, se deslocaria para a área ocupada sazonalmente, para se dedicar a atividades de coleta.

Concluíram que os habitantes estariam divididos em grupos e os deslocamentos seriam alternados; estes acampamentos seriam ocupados isolada ou conjuntamente com outros grupos.

Os autores concluem da seguinte forma:

> "A pequena mas significativa série de hipóteses possíveis de serem levantadas, permite que o Etnólogo tenha uma visão bastante razoável de uma sociedade extinta, desde que compreenda as limitações próprias do método."

Um outro trabalho, de autoria de Marcos Albuquerque, corresponde aos resultados obtidos no Sítio Arqueológico conhecido como "Sítio da Trindade", distante 6 km da cidade do Recife, Estado de Pernambuco.

O autor, através de informação histórica, localizou uma fortaleza e um fosso seco que circundava o arraial.

Este fosso, situado na parte mais baixa do declive, estava entulhado de material transportado por fatores naturais e de material desagregado da muralha que fora construída pela técnica de "taipa de pilão", que corresponde à mistura de argila com seixos seccionados.

Foram encontrados restos arqueológicos como cerâmica utilitária, louça, objetos de metal como balas de canhão e de mosquete, pregos, fragmentos de cobre, etc.

A terceira camada fértil foi considerada como o possível piso da fortaleza. Nos cortes E-F-12-13 foram coletados 2.709 fragmentos de cerâmica, 42 objetos de metal e 4 fragmentos de ossos.

No estudo da cerâmica foi analisada a cerâmica utilitária, distinguindo-se os tipos: Arraial, Bom Jesus e a cerâmica indígena.

A cerâmica utilitária sofreu modificações na variedade de forma e antiplástico, desde o início até o término do período de ocupação.

O autor considerou um período "A" como correspondente à fase de instalação da fortaleza e um período "B" final, caracterizado pela presença de formas complexas não resultantes da modificação na técnica de fabricação. Provavelmente, a mudança ocorrida nestes dois períodos decorreria do transporte de utensílios cerâmicos pelas famílias que procuravam abrigo no interior da fortificação.

Fragmentos de cerâmica indígena aparecem associados no período "A", ao material luso-brasileiro; esta incidência de material indígena pode ser explicada com base em informações históricas relativas à presença do índio durante a construção da fortaleza.

No trabalho em questão, o enfoque é predominantemente arqueológico, utilizando-se também técnicas de pesquisa etnológica e histórica para a interligação dos fatos.

Podemos citar, ainda, o trabalho de Laming-Emperaire sobre os Xetá, na região da Serra dos Dourados no Estado do Paraná.

Desde 1949 sabia-se da existência desse grupo indígena, que costumava aparecer nas matas e fazendas da região; em 1955, após um contacto pacífico, a Universidade Federal do Paraná enviou várias expedições de estudo a esse grupo, tendo sido coletado abundante material etnográfico.

Constatou-se que, na época, o grupo era composto por 60 índios que nunca haviam tido contacto com a civilização e que utilizavam instrumentos de pedra lascada ou polida, de osso, de madeira e possuíam trançados.

Este material resultou de uma pesquisa realizada com duas famílias de 7 indivíduos, pertencentes a um último grupo Xetá, que havia se recusado a conviver com a nossa sociedade.

A autora do trabalho dividiu a pesquisa em três etapas:

1. observações da vida diária
2. história da vida de Tuka, o intérprete
3. a técnica da utilização da pedra

A autora acompanhou a fabricação de um tembetá, realizada da seguinte maneira: o índio Xetá, a partir de um bloco de resina, apoiando um facão com a lâmina voltada para cima, destacou um fragmento da matéria-prima segundo o plano de clivagem natural. Em seguida, a resina foi fixada sobre uma vareta e aquecida sobre brasas; com a unha, o índio realizou o desbastamento da peça. Após esta primeira etapa, a resina aquecida foi enrolada entre as mãos, dando-se-lhe a forma de um fuso; posteriormente, o índio utilizou uma pedra com superfície rugosa para o polimento do tembetá. Como não obtivesse o resultado desejado, o Xetá empregou uma pedra com depressão fixando-a no chão, entre os pés. O polimento continuou, molhando-se a peça e esfregando-a sobre a pedra com areia: à medida que o processo continuava, umedecia-se o tembetá com saliva; finalmente com uma folha rugosa de Embauba foi realizado o polimento.

O uso deste enfeite labial, conhecido como tembetá, representa uma sobrevivência que se perpetua através dos anos, como provam os freqüentes encontros dos mesmos em sítios arqueológicos.

Nas escavações efetuadas pela equipe do Museu Paulista da Universidade de São Paulo no *Sítio Arqueológico Alves*, localiza-

do no município de Piraju, Estado de São Paulo, foram encontrados dois tembetás "nos quadrados d-7 do segundo nível e e-8 do terceiro nível: um de gneisse e outro de quartzo leitoso". Este material foi encontrado associado com o nível cerâmico que, datado pelo método da termoluminescência, acusou uma idade de 1.020 anos. Com isto torna-se evidente a perpetuação de uma tradição, embora com mudança de matéria-prima.

Após um levantamento de material "in loco", foram analisadas as coleções dos anos de 1955, 1956, 1957 e 1958, que constaram de estudos do material lítico, fotos e filmes, concluindo que este era o período mais rico do citado grupo, após o que começaram a ser abandonadas as técnicas tradicionais. Foi efetuado, também, um estudo detalhado da indústria lítica, obtendo-se um quadro classificatório e uma análise da tecnologia empregada e sua utilização.

Em síntese, este último trabalho representa um dos mais completos com relação a uma análise arqueo-etno-histórica em pesquisa no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Marcos — "O Sítio Arqueológico P E 16 — Cb", Universidade Federal de Pernambuco, Setor de Arqueologia, Recife, 1971.

BELTRÃO, Maria da Conceição & LARAIA, Roque de Barros — "O Método Arqueológico e a Interpretação Etnológica", Ministério da Educação e Cultura, 17, Rio de Janeiro, 1969.

EMPERAIRE, Annette Laming — "As Técnicas de Lascamento e Polimento entre os Xetá dos Dourados", Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná (no prelo).

FRIKEL, Protásio — "Os Kaxuyana — Notas Etno-Históricas", Museu Paraense "Emílio Goeldi", Publicações Avulsas, nº 14, Belém, 1970.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org